



# R

RETRATO

EUGENE TERRE'BLANCHE  
*Eterno 'Afrikaner'*

**F** JORNAL  
Mail & Guardian  
Joanesburgo  
EXCERCIOS

**AUTORA**  
Yolandi Groenewald

**DATA**  
02.10.2009



O velho activista volta à ribalta. Numa entrevista exclusiva dada em sua casa, em Ventersdorp, na província do Noroeste [a 140 km de Joanesburgo], declarou: «O último capítulo do Movimento de Resistência Afrikaner [AWB] ainda não foi escrito. Recusamo-nos a desistir. Na verdade, estamos apenas no início do nosso novo percurso».

Nos seus tempos de glória, nas décadas de 1980 e 1990, o AWB - Afrikaner Weerstandsbeweging era um conhecido grupo de extrema-direita que chegava a meter medo. Em 2003, no entanto, ninguém pegou no seu «Klippias and Coque» [bebida à base de co-nhaque e Coca-Cola] para festejar o 30º aniversário do partido. E com razão. O seu líder Eugene Terre'Blanche estava na prisão, onde cumpria uma pena de seis anos por agressão a um empregado negro de uma bomba de gasolina e tentativa de assassinio de um segurança, em 1997.

O AWB continuava em estado de hibernação, ainda atordoado por uma tarde sangrenta [de Março de 1994], em Mmabatho [a 150 km de Ventersdorp], durante a qual três dos seus membros foram mortos, quando tentavam consolidar o poder de Lucas Mangope, antigo presidente do Bofutatswana [bantustão da etnia tsuana]. Essa tarde quase iria marcar o fim da organização. «Poucas pessoas sabem, mas o AWB e Mangope tinham um acordo de entreajuda porque partilhávamos o mesmo ideal de uma república livre para as nossas nações», conta Terre'Blanche, não sem um esgar de desprezo ao recordar o facto. «Mas fomos traídos e o sangue correu. Esse sangue nas ruas de Mmabatho marcou o início do nosso novo combate.»

Em Março do ano passado, a fénix renasce das cinzas. Os dirigentes do AWB afirmam que foram atolados de apelos a reclamar a reacção do movimento. «A situação em que o país se encontra exigia-o. O homem branco da África do Sul está a aperceber-se de que a sua salvação reside na autonomia dos territórios comprados pelos seus antepassados», afirma Eugene Terre'Blanche.

Medita nas lembranças espalhadas pelo seu escritório, que contam a história do AWB. Entre elas, uma placa da Universidade de Pretória, recebida em agradecimento por um debate que o opôs, em 1988, a Frederik van Zyl Slabbert, um responsável político progressista que mi-

litava contra o «Apartheid». «Não quiseram dizê-lo, mas saí vencedor do debate naquele dia. Bastava ouvir os estudantes», recorda, enquanto gira a placa na mão. Lembrança dos seus bons tempos e da época em que os seus talentos de orador eram lendários e faziam vibrar o seu público...

A prisão empalideceu-lhe a aura, mas o personagem de outrora ainda surge de vez em quando. E não lhe faltam projectos. Sonha reunir as 23 formações de direita numa mesma organização, «capaz de levar a causa dos 'africânderes livres' perante o Tribunal Internacional de Justiça da Haia».

No final de Setembro, Eugene Terre'Blanche tomou a palavra num encontro organizado diante do monumento de Vegkop, perto da cidade de Heilbron, que comemora a batalha de 1836, em que trinta Voortrekkers [bóeres que participaram na Grande Travessia de meados do século XIX], sob o comando de Hendrik Potgieter, puseram em fuga os ndebelés [etnia zulu]. Exigiu que as terras «do norte do Natal e do Transval Oriental» sejam restituídas ao Boerevolk [povo bóer]. Em seguida, lamentou que muçulmanos tivessem sido autorizados a edificar mesquitas nas terras que os Voortrekkers tinham negociado no século XIX. Outros intervenientes no encontro - que teve um público bastante escasso - explicaram como era possível escapar «ao jugo da opressão negra» e apelaram a uma intervenção divina.

Vegkop foi apenas um de vários encontros públicos em que Eugene Terre'Blanche tem



## PERCURSO DO 'APARTHEID' ATÉ HOJE

**1941**

Nasce em Ventersdorp, no nordeste da África do Sul. É descendente de huguenotes franceses instalados no país desde 1704.

**1970**

Funda o AWB com seis amigos.

**1998**

Conhece um momento de glória com as tropas do partido a desfilar em Pretória.

**1997-2004**

Cumprir uma pena de prisão por assalto e tentativa de homicídio.

2  
par  
ram  
[cid  
den  
em  
recu  
bros  
estr  
dos  
fria  
que,  
po d  
faz p  
«Par  
dem  
um p  
Unid  
de ad  
e os  
quais  
de Du  
O  
movi  
trust'  
o seu  
blica  
os adv  
Não é  
gler [j  
com u  
igualm  
que qu  
do Sul  
com a





2

participado nos últimos anos. Alguns levaram-no a zonas tão distantes como Mossel Bay [cidade portuária da província do Cabo-Ocidental, onde Bartolomeu Dias desembarcou em 1488] para falar aos discípulos do AWB. Mas recusa-se a dar informações sobre os membros do seu movimento. «É uma questão de estratégia. Não se dá o número e a identidade dos nossos espões quando se vive em guerra-fria», argumenta, apressando-se a sublinhar que, contrariamente ao Boeremag [outro grupo de extrema-direita], tomar as armas não faz parte dos seus planos num futuro próximo. «Para já, existem outras opções que pretendemos experimentar antes de mais. Temos um processo sólido para apresentar às Nações Unidas», afirma, antes de citar uma longa lista de acordos passados entre os Voortrekkers e os «reis pretos», no século XVIII, um dos quais o de Port-Natal [antigo nome do porto de Durban].

O chefe de fila do AWB acrescenta que o movimento recorrerá ao seu «vasto 'brain-trust' [conselheiros de alto nível]» para atingir o seu objectivo: a instauração de uma república autónoma. «Ainda não decidimos quais os advogados que defenderão a nossa causa. Não é impossível chamarmos Johann Krieger [juiz sul-africano de renome]», sugere, com um largo sorriso. Terre'Blanche conta igualmente organizar um referendo para os que quiserem ter o «seu» território na África do Sul. Será necessário ser branco e ter laços com a nação africânder para se inscrever nos

Página 9 Eugene Terre'Blanche desfila fazendo a saudação fascista

FOTO: REUTERS/SHAWN BALDWIN

1 Membros do AWB manifestam-se em Potchefstroom contra a prisão do seu líder

FOTO: REUTERS/JUDA NGWENYA

2 Terre'Blanche protegido por guarda-costas numa manifestação em Kepton Park

FOTO: REUTERS/PATRICK DE NOIRMONT

cadernos eleitorais. Também os cidadãos de ascendência britânica serão aceites. O inglês terá inclusivamente direitos de cidadania nessa nova república: «Afinal, os africânderes falam inglês e afrikaans. A era do 'Apartheid' acabou. Agora, é necessário que cada nação possa governar-se de maneira autónoma no seu próprio território».

Uma centelha brilha de repente nos seus olhos quando a entrevista aborda a criminalidade: «Hoje, o que está em causa é o direito de uma nação a separar-se de um Estado corroído pelo crime, pela morte, pelo assassinio, pela violação, pela mentira e pela fraude. É um Estado que leva a palma da corrupção num planeta tramado, onde o Presidente possui várias centenas de milhões de rands que é acusado de ter desviado. Mas só porque é Presidente escapa a qualquer processo! Não quero viver num

Estado onde se pode ter seis esposas [sic], ter relações sexuais com a sobrinha seropositiva [sic] e onde se pode, mesmo assim, tornar-se Presidente! Estas coisas estão prestes a estoirar, como uma bomba atómica...»

Terre'Blanche afirma que o «seu povo» não pode curvar a espinha diante de um Estado onde se mata mais em tempo de paz que em todas as guerras efectuadas pelo seu povo. «Mas nunca vamos abdicar», proclama. «Este é o 'staanplek' [o território] do povo boer. Deus conduziu-nos aqui, vindos de diferentes países, com um objectivo preciso. Não nos teria conduzido para cá se não tivesse um plano. E esse plano não era certamente o assassinio e a violação de mulheres e crianças inocentes!»

A luta contra a criminalidade tornou-se o cavalo de batalha de Terre'Blanche, desde a sua saída da prisão, em 2004. Criou o Brandwag van die Christen Boerevolk (Serviço de defesa do povo boer cristão), uma rede dirigida pelo AWB, que pode ser mobilizada por SMS, sempre que os membros têm problemas. «Todos têm o direito de defender-se quando são atacados», justifica.

Em seguida, Eugene Terre'Blanche põe de lado as grandes tiradas e volta às suas lembranças do Afrikaner Weerstandsbeweging. No escritório, estatuetas de cavalos, suásticas do AWB e uma 'vierkleur' [bandeira do Transvaal] dão um vislumbre sinistro do seu passado. Mas é um retrato dele aos 19 anos, numa época em que servia nas fileiras da polícia namibiana, que decide comentar. Aparece fardado, com o olhar na distância, numa pose heróica. «Os meus primórdios...», comenta com um sorriso. «Devia ler o livro sobre a minha vida que vai sair em Dezembro: «Blouberge van Nimmer» [«As montanhas azuis de outra»].» Pega no manuscrito e começa a citar passagens... Novo regresso aos seus momentos gloriosos. No outro canto da sala, destaca-se um imenso cartaz, onde ressaltam claramente os seus olhos azuis, que faz propaganda aos poemas que compôs na prisão. Os mesmos olhos que estão hoje matizados de tristeza.

Acompanha-nos ao automóvel e aponta, ornando o portal, a reprodução exacta de uma carroça da Grande Travessia. «Os nossos antepassados tiveram vidas difíceis», comenta. «Bateram-se para que possamos ter o nosso próprio país.» À despedida, insiste em abrir a porta do automóvel: «Veilig ry, nooientjie [Boa viagem, menina]», lança, sorrindo. ☉